

# **A TRAJETÓRIA DO NEGRO NO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DA CULTURA AFRO**

## **INTRODUÇÃO**

Desde o momento em que os portugueses, levados pela escassez de mão de obra no período colonial no Brasil, decidiram importar escravos, não tinham conhecimento do tratamento desumano que seria impostos aos cativos. Por certo, também não tinham ciência de que os descendentes desta raça sofrida, viveriam, séculos mais tarde, contribuindo para o mundo das artes, dos esportes, da política, enfim, da vida social brasileira.

Dos negros trazidos para o Brasil e feitos escravos, restou sua cultura que orgulha não somente as pessoas que são definidas como descendentes afro-brasileiro, mas a todos os que vivem neste país. São tradições, costumes, fatos e mais uma infinidade de coisas que se transmitem de forma duradoura por várias gerações.

Conclui-se que os estudos nas escolas do Brasil se apresentam pouco generosos com relação a trajetória dos negros em nosso país. Não exatamente por omissão, mas pela ausência da conscientização de que o negro foi importante para o Brasil, de que sua cultura deve ser preservada e conhecida, além de que a cultura afro-brasileira é a de todos os que vivem neste país. Vive-se num país aparentemente sem preconceitos raciais.

Vibra-se com gols de jogadores negros, com músicas que embalam os momentos inesquecíveis, mas ainda se convive com um preconceito retido no fundo das almas. Seja no tratamento, seja nos espetáculos televisivos ou teatrais, no ambiente de trabalho, sente-se que os espaços ainda não estão devidamente preenchidos por esta parcela tão sofrida da sociedade.

Objetivou-se no presente estudo mostrar aos alunos um pouco mais da história do negro no Brasil, sua trajetória, sua vida em nosso país, sua cultura, seus momentos

de amargura que não raras vezes se transformavam em danças, músicas e momentos em que esqueciam o sofrimento do dia a dia.

Teve-se ainda a intenção de conscientizar sobre o preconceito que existe em nossos dias. Ele está contido nas frases, nas ações, nos espetáculos, ou seja, em tudo que influenciam a mídia. Considera-se ser preciso arrancar as raízes que existem as pessoas que orgulham de ser preconceituosas e não compreendem o negro como um irmão que está do lado do bem.

## **1 DEFININDO CULTURA**

A cultura é uma palavra que tem vários significados. Pode ser referente aos conhecimentos que uma pessoa tem sobre artes, ou seja, ligados ao saber como forma geral. No entanto, no sentido que interessa como estudo e pesquisa seu sentido é bem maior. No fim do século XIX começaram a ser definidas as idéias de cultura como o conjunto de modos de pensar, sentir, agir de um determinado grupo de pessoas.

Os estudiosos da vida do ser humano e das sociedades acreditam que na base da vida social é que se encontra a capacidade de simbolizar o ser humano, atribuindo a eles as palavras, os gestos, comportamentos, que permitem aos mesmos a transmissão de sentimentos, idéias, e regras estabelecidas. A maneira de como se compartilham os sentidos é o que formam a cultura, com propriedades do seu grupo, fazendo com que se acredite nas mesmas coisas, entenda os mesmos gestos gráficos e saiba se comportar diante de situações diversas.

Conforme observa Souza (2008):

É claro que muitas vezes pode haver mal-entendidos entre os membros de uma mesma cultura, assim como é possível entender coisas de culturas às quais não pertencemos. Mas no geral, para entendermos bem outra cultura, temos de passar por um aprendizado dos seus códigos básicos, senão estaremos apenas projetando sobre os significados que aprendemos na nossa própria formação, ao longo do nosso processo de socialização, de nos tornarmos parte de um corpo social. A cultura é algo que nos permite fazer parte de um grupo e nos dificulta sermos um membro integral de um grupo que não o nosso, a não ser que nos transformemos radicalmente. (SOUZA, 2008, p. 87)

O Brasil é um país rico em diversidade cultural. Conseqüências de uma colonização construída por diversos povos que aqui se integraram trazendo juntamente com suas esperanças e planos, o seu patrimônio cultura. Nosso povo adotou essas culturas em sua bagagem cultural, na música, na religião, no modo de falar. Pode-se definir, em nível de Brasil, que a cultura que cerca seus habitantes é uma herança social provinda dos portugueses, italianos, espanhóis, índios e negros. Sobretudo os últimos deixaram sua cultura evidente principalmente considerando sua trajetória pelo Brasil, sua história carregada de sofrimentos e preconceitos que se perpetuam, ao lado da cultura, até os dias de hoje. A história do negro no Brasil, contada nas escolas, em sua maioria, vale-se de descrever o período da escravidão e os horrores do caminho percorrido, e menciona superficialmente a cultura afro-brasileira e a tradição negra.

Araujo definiu:

Penso, por fim, na ambigüidade desta nossa história de que são vítimas os negros, numa sociedade que os exclui dos benefícios da vida social, mas que, no entanto, consome os deuses do candomblé, a música, a dança, a comida, a festa, todas as festas de negros, esquecida de suas origens. E penso também em como, em vez de registrar simplesmente o fracasso dos negros frente às tantas e inumeráveis injustiças sofridas, esta história termina por registrar a sua vitória e a sua vingança, em tudo o que eles foram capazes de fazer para incorporar-se à cultura brasileira. Uma cultura que guarda, através de sua história, um rastro profundo de negros africanos e brasileiros, mulatos e cafuzos, construtores silenciosos de nossa identidade. E não se pode dizer que não houve afetividade ou cumplicidade nessa relação. A mestiçagem é a maior prova dessa história de pura sedução, da sedução suscitada pela diferença, que ameaça e atrai, mas acaba sendo incorporada como convívio tenso e sedutor, em todos os momentos da nossa vida. Tudo isso é memória. Tudo isso faz parte da nossa história. Uma história escamoteada que já não poderá mais ficar esquecida pela história oficial. (ARAUJO. 2007, p.5)

Já foi escrito por vários autores que o Brasil é um país culturalmente pobre e que a cultura não é valorizada. Segundo eles, as escolas se restringem a assegurar aos alunos um pouco sobre os índios, o que apesar de ser importante não é suficiente para se ensinar aos alunos, conceito de cultura de um país. Perguntam onde está a cultura dos portugueses, italianos, japoneses, alemães que está limitada ao seu meio, sem que as demais regiões tenham conhecimento dela. Novamente se salienta a cultura afro-brasileira como a que deixou mais marcas e que se vê na quase totalidade do país.

Para se falar sobre a cultura afro-brasileira não se poderia deixar de mencionar o período escravo que se constitui numa mancha difícil de apagar. É impossível se falar sobre a

cultura dos negros, sua passagem pelo Brasil e seus dias atuais se não for escrito sobre a escravidão e suas conseqüências. Este estudo pretende abranger, entre outros assuntos, a escravidão, seus conhecidos males, sua travessia pelo Atlântico, seu período angustiante, a abolição, suas conseqüências imprevisíveis e a trajetória dos negros após a liberdade. É importante salientar que o Brasil carrega um amargo detalhe na sua História; foi a última nação do mundo a abolir a escravidão.

## 2 A ESCRAVIDÃO COMO MÃO DE OBRA

Para se falar sobre a cultura afro-brasileira não se poderia deixar de mencionar o período escravo que se constitui numa mancha difícil de apagar. É impossível se falar sobre a cultura dos negros, sua passagem pelo Brasil e seus dias atuais se não for escrito sobre a escravidão e suas conseqüências. Este estudo pretende abranger, entre outros assuntos, a escravidão, seus conhecidos males, sua travessia pelo Atlântico, O índio brasileiro era tão desprezível na avaliação portuguesa que o preço de cada um não ultrapassava a casa dos quatro mil-réis, enquanto o negro nunca era vendido por menos de cem mil-réis, isto na início da escravidão. Eram, pois, os africanos, mercadoria de alto valor na época. Para isso concorria, de certo, sua fácil adaptação a faina agrícola, uma vez que, acostumados a outras condições de vida, decorrentes de civilização maias adiantada, seus hábitos e temperamento muito diferiam do nomadismo indígena. [...] (LUNA, 1968, p. 16)

Mais tarde, aproximadamente na década de 1690, as regiões de Angola e de Costa da Mina forneceram escravos para o Brasil. Os provenientes da Costa da Mina se destinaram em especial à Bahia, enquanto que os que vieram de Angola foram localizados na região do Rio de Janeiro. No século XIX, foram exportados para o Atlântico, aproximadamente 3,5 milhões de escravos.

Na primeira metade do século XX a região Centro Ocidental da África exportou 1,5 milhão, tendo a triste marca de ser o maior fornecedor de cativos. As exportações de escravos passaram a ser cada vez mais lucrativas e na região acima se iniciou uma escassez de pessoas. Começaram então as capturas por outras regiões, desde a costa até as savanas. Os portugueses comerciavam os escravos principalmente nas regiões de Luanda e Benguela, nas quais os capturados eram trocados por tecidos, armamentos e por aguardente brasileira.

As negociações envolviam várias etapas, eram lentas e com gestos cheios de significados simbólicos. Os navios tinham que pagar taxas de ancoragem, e os capitães ofereciam presentes para os chefes locais ou

para os representantes dos reis, que moraram no interior do continente. Estes geralmente eram presenteados com tecidos finos, como brocados, veludos e sedas, com botas de couro, chapéus emplumados, casacos agaloados, punhais e espadas trabalhadas, pipas de bebidas destiladas, cavalos e uma variedade de produtos que indicavam prestígio. (Souza, 2008, p. 59)

O processo de ancoragem e da negociação dominava um grande espaço de tempo. A cada dia as trocas de escravos por mercadorias se arrastavam. Devido a este processo lento um navio poderia levar até seis meses para completar a carga e retornar ao ponto de origem.

As regiões onde viviam os que foram escravizados e trazidos para o Brasil, possuíam costumes, línguas, organizações de sociedade, religiões completamente diferentes umas das outras. Quando eram condenados pelas rígidas leis da sua sociedade, capturados nas pequenas aldeias, ou até mesmo nas pequenas guerras, nos caminhos que percorriam, quase indiferentes ao que se passava, viam perspectiva de incertezas.

Souza descreve que (2008, p.84):

“Além de serem afastados das aldeias nas quais cresceram e que eram o centro de seu universo, muito poucas vezes conseguiam se manter próximas de conhecidos e familiares mesmo quando todos eram capturados juntos”.

Depois de capturados, em sua terra de origem, os que seriam vendidos, eram ligados, uns aos outros com elos de ferro que impediam as possíveis tentativas de fuga. Iniciavam a marcha até o porto, muitas vezes açoitados. O alimento e a água eram insuficientes, pois não se podia gastar muito tempo para alimentação, diante da pressa dos compradores. Os maus tratos e indiferença por suas vidas ocasionavam muitas mortes pelo caminho. Essas, quando ocorriam, o cadáver era desprendido da argola de ferro e jogado em um ponto qualquer do caminho. Os que sobreviviam eram levados ao navio, atirados nos porões onde os espaços eram mínimos e tão escuros que não se sabia se era dia ou noite.

Empilhados nos porões, recebendo poucas rações de comida e de água, era natural que o morticínio fosse acentuado. Perdia-se, invariavelmente, 10% da carga, na melhor das hipóteses, e casos houve em que morreu a metade dos indivíduos transportados. Amontoados no porão, quando o navio jogava, a massa de corpos negros agitava-se como um formigueiro, para beber um pouco desse ar lúgubre que se escoava pela estilha gradeada de ferro. (MACEDO, apud. MARTINS, 1974, p. 29)

É importante mencionar que na medida em que a caravana de escravos se aproximava do local de embarque, o número deles crescia, com a adesão obrigatória de novos negros nas feiras. Por serem pessoas com culturas diferentes era natural que se sentissem sozinhas na

nova etapa da vida que se iniciava, uma vez que os escravos trazidos não se destinavam a uma só região. Infelizmente sobraram poucos, quase inexistentes relatos dos que viverem os horrores da travessia nos navios negreiros. Enquanto isso, nas livrarias, sobram obras que tentam explicar, com lógica, a prática deste transporte e da escravidão. Logo que eram capturados e negociados com os europeus, começavam as privações. Por medida de economia recebiam uma alimentação ínfima, composta de um pouco de carne seca, farinha de mandioca e arroz.

### **3 A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO E A CHEGADA DOS AFRICANOS AO BRASIL**

A média de escravos em cada porção dos navios negreiros eram de 440 pessoas. A viagem durava em média 43 dias, caso a viagem partisse do centro sul da África. Nas partidas de Moçambique dobravam os dias da viagem assim como as mortes que podiam chegar a 20%. Nos porções dos navios, a falta de alimentação e o contato muito próximo, uma vez que viajavam amontoados, o calor e a exposição dos corpos àquela situação degradante, fizeram com que se disseminassem as doenças. Uma das doenças mais comuns era o escorbuto, contraída pela falta de vitamina C.

Apesar de, no início do século XIX, as condições das embarcações terem melhorado um pouco, comparando-se com os séculos anteriores, pois passaram a contar com a presença de ao menos um cirurgião-barbeiro, de capelães, de uma botica, além da separação entre homens e mulheres, as viagens continuavam sendo muito penosas, com porções superlotados de africanos, que se apertavam para conseguir dormir durante meses sobre o chão duro. Eles passavam quase todo o tempo acorrentados e, no momento do embarque, ou ainda nos barracões costumavam ter o corpo marcado a ferro quente com as iniciais ou símbolos dos proprietários. (MATTOS, 2007, p. 100)

Havia ainda o medo crucial do comandante do barco e de seus auxiliares, de uma revolta dos negros. Estes passaram, apesar do sacrifício da viagem, a contar com solidariedade entre eles, levada pelo convívio prolongando. Chegavam a cogitar um motim e para que isso fosse evitado, era destacado algum tripulante capaz de entender o assunto travado entre os escravos.

O primeiro passo para se alterar a trajetória dos africanos no Brasil, foi a Lei Eusébio de Queiróz, promulgada pelo mesmo, então Ministro da Justiça entre 1848 e 1852. Aprovada

em 4 de setembro de 1850 devido a pressão exercida pela Inglaterra, que foi o principal motivo para que a lei fosse sancionada.

No entanto os efeitos imediatos da lei não foram alcançados rapidamente, chegando a haver uma intensificação na entrada de africanos ilegalmente no Brasil, após a promulgação da Lei. As pressões se tornaram mais intensas e o tráfico interno de escravos continuou nas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, que eram os mais produtivos no que se refere ao cultivo do café.

Os motivos alegados pelo então Ministro, para sua Lei, não se revelavam simplesmente por questões humanitárias. Explicando as razões, explanava que centenas de fazendeiros, em especial os do “Norte do Império” atravessavam um período de dificuldades com dívidas contraídas com traficantes de escravos.

Havia, em sua maioria, os que hipotecaram suas fazendas com grandes traficantes portugueses. Alegava assim que as possibilidades eram imensas de grandes propriedades territoriais saírem das mãos de seus legítimos donos e se transformarem em territórios de especuladores e traficantes. Referia-se assim aos portugueses numa clara alusão às possibilidades de os lusos voltarem a ameaçar a soberania nacional.

Outra razão demonstrada por Eusébio de Queiroz para sua Lei era a de que se Império continuasse autorizando a entrada de cativos africanos em grande quantidade, como até então, poderia haver um desequilíbrio quantitativo entre pessoas livres e escravos, o que ameaçaria os brancos. A sociedade ficaria desprotegida diante do grande número de escravos que poderiam, a qualquer momento, rebelar-se e sua insurreição espalharia o terror entre os cidadãos.

Luna descreve:

A importação não cessou até as vésperas da Abolição. Embora vigorassem leis proibitivas, os negreiros sempre encontravam meios de burlá-las, geralmente, com a complacência das próprias autoridades, o que não é de estranhar, sabendo-se que a classe dominante era constituída de senhores de escravos, fazendeiros de café e donos de engenhos, seus parentes e aderentes, transformados, de uma hora para outra, em nobres da Colônia e do Império [...] (LUNA, 1968, p.98)

## **4 OS ESCRAVOS NOS PORTOS BRASILEIROS**

Depois da incerta e terrível viagem chegavam os africanos aos portos do Brasil. Eram retirados dos porões e repartidos aos lotes independentemente de serem ou não da mesma região, parentes, pais, mães filhos ou não. Não se dava importância a estes fatos, era como se eles não tivessem alma, sentimento, amor ou fossem insensíveis a dor, a fome, aos maus tratos.

Os traficantes sempre traziam alguns escravos a mais, em número superior as encomendas para serem vendidos nas feiras ou leilões. Desembarcavam quase sem roupas, com apenas uma faixa de tecido cobrindo uma parte do corpo. Os cabelos e a barba eram cortados, determinava-se que tomassem um banho, recebiam algumas toscas roupas de tecido grosseiro, para que melhorassem a aparência e pudessem alcançar um maior preço no Mercado. Este era um imenso rancho, semelhante a uma cocheira. Os que apresentavam um quadro de debilidade em virtude de doenças adquiridas no transporte eram isolados e recebiam cuidados, para mais tarde, serem oferecidos aos compradores.

No Rio de Janeiro o Mercado ficava em Valongo, próximo da Praça Mauá. À porta do Mercado colocavam um cartaz onde se anunciava: “negros fortes, bons e moços, chegados na última nau.” (MACEDO, 1974)

A chegada dos compradores fazia parte de um ritual considerado inconcebível nos dias de hoje; os músculos dos negros eram apalpados, tinham os lábios levantados para o exame dos dentes e eram obrigados a saltar, dançar, para que fosse examinado seu vigor físico.

A arte de comprar exigia experiência do comprador. Havia a prova do suor. O comprador passava o dedo pelo corpo do escravo exposto e lambia para sentir se era suor verdadeiro ou efeito de algum óleo para tornar a pele brilhante, uma vez que o suor na pele do escravo representava bom estado de saúde. Sua barriga era apertada para detectar dor que manifestasse alguma doença, seu peito era escutado, todo o corpo examinado.

Quando se tratava de mulher, os seios eram bem examinados pois poderia vir a servir como ama de leite e bem assim as nádegas. Tinha-se interesse em negras do traseiro grande, bem servido de carnes, porque isso era – diziam – indicio de força, saúde e qualidade de boa parideira, capaz de dar novos escravos ao senhor. (MACEDO, 1974, p. 32)

Alguns africanos, no caso de serem descartados, eram levados em comboios em barcos ou a pé, em direção às cidades do interior onde seriam vendidos a tropeiros, a preços menores, configurando-se assim o tráfico interno de escravos.



O preço dos escravos era definido pelo sexo, idade e especialização, mas dependia, sobretudo, de sua condição física. O destino dessas peças estava nas mãos dos senhores, que podiam alugar, vender, hipotecar, segurar ou penhorar suas novas propriedades. O preço dos escravos variou muito durante os quatro séculos de sua comercialização. Após o final do tráfico, em 1850, o valor dos cativos dobrou, quase inviabilizando a sua utilização. Um escravo homem e adulto podia valer mais do que uma casa na cidade ou três toneladas de café. (MOURA, 1996)

#### 4.1 O INÍCIO DA NOVA VIDA ESCRAVA

Os senhores nomeavam os africanos que eram comprados e passavam a ser mercadoria, da seguinte maneira. Os que não entendiam, não falavam português e desconheciam os costumes da terra, eram considerados os *boçais*. Os que aprendiam a língua portuguesa, os costumes da nova terra e desempenhavam as funções que lhe eram determinadas eram chamados de *ladinos*. Os que nasciam no Brasil e tinham o português como sua primeira língua falada e se comportavam dentro dos padrões portugueses, diante de seus donos, eram chamados de *crioulos*.

No século XIX, a maioria era levada para trabalhar nas plantações de café. “Mas também as cidades, a essa altura, maiores e com mais necessidade de trabalhadores, absorviam-nos em grande quantidade”. (SOUZA, 2008)

O mundo dos escravos se resumia ao trabalho, único, estafante e obrigatório. No entanto, havia os que possuíam alguma habilidade, ou a adquiriam e eram os escravos urbanos, mais bem tratados. É interessante salientar que, diante da mão de obra escrava, tornou-se uma efetiva desonra uma pessoa livre trabalhar, principalmente em funções mais modestas. Entretanto, os escravos que trabalhavam nas regiões rurais se constituíam na maioria.

As condições de se conseguir uma alforria eram remotas e o poder, autoridade e crueldade dos seus proprietários desconheciam limites. A jornada de trabalho era extensa a qual se iniciava antes do nascer do sol e terminava às onze da noite, nas épocas de colheitas. Havia ainda os que se tornavam escravos domésticos. Eram escolhidos conforme sua aparência e eram bem vestidos.

Esse é o universo das mucamas, pajens, amas-de-leite, amas-secas, cozinheiras, cocheiros, lavadeiras, copeiros e garotos de recado. No entanto, esses cativos representavam uma minoria e não raro distanciavam-se dos demais. Uma velha ladainha dizia: Negro no eito vira copeiro, não óia mais pra seu parceiro. (MOURA, 1996, p.12)

Outro fato digno de descrição era a desproporção entre homens e mulheres escravos. Este fato dificultava os casamentos entre eles, sendo as uniões pouco toleradas pelos senhores. No entanto, em 1869 foi criada uma lei que proibia que o marido fosse separado da mulher e dos filhos com idade inferior a quinze anos.

O escravo era considerado um patrimônio, uma demonstração de ostentação. Perder um escravo significa um prejuízo de grandes proporções. Em 1863 funcionava no Rio de Janeiro a Cia. Mútua de Seguro de Vida dos Escravos, que se incumbia do ressarcimento, ao senhor, dos prejuízos causados por alguma eventual perda. Nos conventos havia escravos e Nóbrega, em carta ao Rei, pedia escravos.

Macedo descreve:

“Os conventos, a Sociedade de Jesus, frades e padres individualmente possuíam escravos, por mais difícil que seja entender como podiam conciliar a doutrina de Cristo com a exploração do homem pelo homem. (MACEDO, 1974, p. 36)”

## **5 AS REVOLTAS DOS NEGROS CONTRA A ESCRAVIDÃO**

A vida dos escravos não era só submissão. Apesar de se definirem os cativos como pessoas que apenas aceitavam os maus tratos e a índole violenta da maioria dos senhores, havia entre eles os que se rebelavam e carregavam consigo o desejo de vingança. As reações podiam se constituir em fugas, revoltas, massacres contra a família dos seus donos; até as mais pacíficas, como a negociação de uma carta de alforria. Esta poderia ser mediante a um pagamento em ouro ao seu proprietário, assim como poderia ser adquirida gratuitamente. No entanto, a carta era revogável em qualquer das duas hipóteses.

Mattos descreve:

A maioria das cartas de alforria era onerosa, pelas quais o escravo deveria pagar uma quantia em dinheiro para ressarcir o prejuízo do proprietário ou recompensá-lo indiretamente com a prestação de serviços, permanecendo em sua companhia até a morte, servindo e não “ser ingrato ou dar desgosto. (MATTOS, 2007, p 122.)

As formas de resistência não partiam apenas de grandes e programadas insurreições, de levadas de escravos. Na sua maioria eram de pequenos grupos ou até mesmo de escravos solitários que se aventuravam, embrenhando-se nas matas e não poucas vezes morriam de fome, isso quando não retornavam ou eram resgatados. Há de se considerar que após a revoltas de escravos em certos lugares, em alguns casos passou a haver um temor da força dos grupos que se uniam e na calada da noite planejavam revoltas.

Nada havendo mais nada a perder, ameaçavam a integridade física das famílias dos senhores trazendo-lhes grandes inquietações. Quando algum escravo tentava uma fuga frustrada, em alguns casos, logo que era capturado por um Capitão do Mato, diante dos castigos que lhe seriam aplicados, tentava o suicídio. O *banzo* era o mais comum deles. Constituía na ingestão de terra, dia após dia, levando-o a uma morte lenta. Por imposição dos senhores, o escravo passava a portar uma máscara de flandres com uma espécie de tranca na nuca, que lhe cobria a boca, evitando assim que ele ingerisse qualquer tipo de bebida ou alimento anormal.

Outro modo de suicídio era por afogamento que além de os livrarem da vida amarga e dos castigos que lhe eram impostos, acreditavam que morrendo nas águas dos rios, libertariam a alma para fazer a travessia de volta à sua terra.

Conforme escreve Moura:

“A escrava Anastácia permanece na memória popular como uma mulher que, ao reagir ao cativo, foi obrigada a usar permanentemente uma dessas máscaras.”

**(MOURA, 1996, p. 22).**

Diante das fugas era preciso tomar alguma medida que as contivessem, tendo a dupla finalidade; recuperar o escravo e dar uma lição aos que ainda pensavam em se aventurar a cometer a fuga. Surgiu então a figura dos Capitães do Mato. Estes eram contratados para capturar os escravos nas matas ou onde estivessem, mediante recompensa. Seu prestígio social entre os escravos, evidentemente, era mínimo, assim como objeto de vingança por parte dos mesmos, se por um acaso lhe caíssem nas mãos.

Mas eram também considerados inimigos da sociedade pela função ignóbil que desempenhavam. Muitas vezes denominados de cães perdigueiros, podiam ser ex-escravos, assim como pessoas que deviam favores ou dívidas aos fazendeiros e pagavam assim, com seu repugnante trabalho, as obrigações contraídas.

Diante das vinganças impostas pelos escravos quando conseguiam, numa inversão de papéis, capturar um capitão do mato, a profissão deixou de causar interesse. Houve casos de fazendeiros que ficavam estáticos diante das fugas maciças de escravos e chegavam a oferecer a enorme quantia de duzentos mil-réis para quem desempenhasse a função. Conforme pensamento de Luna:

“Mas quando as fugas se tornaram calamidade nas fazendas paulistas, havia quem pagasse até duzentos mil-réis à pessoa que capturasse um escravo foragido.” (LUNA, 1968, p.111).

## 5.1 OS QUILOMBOS

Os escravos que conseguiam fugir, quando não eram recapturados, passavam a viver nos quilombos. No início, apenas aglomerados de palhoças entregues a própria sorte e sem uma organização que os protegessem. O que inicialmente representavam apenas um esconderijo de negros que temiam uma captura passou a ser o seu mundo temido pelos brancos que por ali se aventurassem. Os rebelados, agora livres, passaram então a pensar não só na sobrevivência, mas em assaltar, matar quando fosse preciso, espalhando o pânico entre as cidades. As fazendas mais vulneráveis eram saqueadas e se carregavam mantimentos, armas, munição e em alguns casos, escravos das senzalas que se dispusessem a acompanhá-los.

A partir de 1740 todas as habitações com mais de cinco pessoas eram consideradas um quilombo. Havia quilombos com mais de vinte mil pessoas, formando uma verdadeira cidade onde **havia um ponto comum que era fundamental a qualquer quilombo: a defesa militar, importante para se proteger contra os ataques dos portugueses.**

**Os maiores tinham uma organização governada por chefes escolhidos pela sua capacidade e cujo voto era efetuado com grão de milho ou feijão. Os quilombos mais célebres foram Palmares e Zumbi.**

**Palmares e Zumbi se tornaram importantes símbolos da resistência contra a escravidão, sendo exemplo mais espetacular de um tipo de ação largamente adotada pelos escravos de todo o período escravista. Os quilombos, nos quais os escravos fugidos reconquistavam sua liberdade, podiam estar afastados de qualquer núcleo de colonização ou mais próximos de um arraial ou uma cidade. Nos mais isolados, os quilombolas viviam do cultivo da terra, da caça, da pesca, produzindo seus tecidos, seus potes, suas cestas, seus instrumentos de trabalho e armas. (SOUZA, 2008, p. 98)**

Pouco a pouco os quilombos começaram a adquirir a simpatia de pessoas que não se sentiam prejudicadas com as fugas dos escravos e não vislumbravam nenhum prejuízo com o fim da escravidão. Mas não ficaram indiferentes. Iniciou-se uma campanha para custear as construções dos redutos dos rebelados. Fortificavam-se assim os quilombos enquanto novas concentrações surgiam. O que era simplesmente um esconderijo passou, com o

tempo, a ser um verdadeiro exercito de guerrilheiros negros. Eram milhares de pessoas dispostas a viver em liberdade em seu pequeno mundo e temidas por todos.

Os locais escolhidos para a construção dos quilombos eram geralmente próximos a áreas bem servidas de água. Pelo lado de fora da comunidade eram abertos fossos onde eram colocados troncos com pontas afiadas, com o objetivo de impedir a passagem de estranhos que por ali se aventurassem. Nos grandes quilombos como Palmares e Zumbi, não eram admitidos, a indisciplina, a indolência, o roubo e a traição. Os dois últimos eram punidos com a pena de morte, aplicada pelos denominados *executores da justiça*.

Macedo descreve:

De então por diante não cessaram as fugas de escravos para a região de Palmares. As notícias, os relatos a respeito da vida boa e livre que se levava nos Palmares eram transmitidos a boca pequena, murmurados á noite no silêncio das senzalas, revelados em cochichos durante os trabalhos no canavial. (MACEDO. 1974. p. 86)

A maioria dos quilombos tinha existência passageira, pois uma vez descobertos, a repressão era marcada pela violência por parte dos senhores de terras e de escravos. A busca tinham a dupla finalidade de se apossar dos escravos fugitivos e de punir exemplarmente alguns deles, visando atemorizar os demais cativos. Sendo assim alguns foram dizimados por freqüentes expedições militares com finalidade de destruir os quilombos.

O quilombo dos Palmares representa no dias de hoje o verdadeiro símbolo da luta do movimento negro. Este foi formado pouco a pouco, a partir de 1604 por 40 escravos. Durante um século sofreu todo tipo de ataque e opressão por parte de inimigos. Ganga Zumbi foi o penúltimo rei (chefe do quilombo) de que se tem notícia. Foi assassinado por seu sobrinho Zumbi que divergia do tio no acordo feito com os portugueses. Neste acordo os habitantes do Quilombo se comprometiam a não mais resgatar escravos, nas senzalas, ainda sob poder dos fazendeiros. Zumbi liderou a resistência, mas foi morto e o quilombo destruído em 20 de novembro de 1695, data escolhida para se comemorar o Dia da Consciência Negra.

## 6 A CULTURA E AS RELIGIÕES DOS ESCRAVOS NAS SENZALAS E QUILOMBOS

Os africanos, apesar dos percalços da vida escrava, dos maus tratos, jamais abandonaram seus costumes e sua religião. Não obstante o trabalho estafante, o pequeno ciclo de vida, o escravo teve seus momentos de diversão. Organizavam suas festas, os adornos no corpo e esquecendo temporariamente seus desencantos com a sorte, em festas, lembravam suas origens. Uma das mais típicas e interessantes era a do Rei do Congo, também conhecida por Congada, festa ao mesmo tempo profana e religiosa.

Na sua música, os sons e as expressões eram carregados de sofrimento e faziam um curioso contraste com os raros momentos de alegria. A língua de origem sobressaía no canto. Com autorização dos senhores, os escravos organizavam pequenos desfiles em torno da casa grande, dançando e cantando. A Congada tinha um rei, eleitos pelos companheiros, uma rainha, os príncipes, os fidalgos e os embaixadores.

Sobre a cultura dos escravos sabe-se que a arte de cantar e dançar fez parte de sua alma sofrida. Outra dança muito apreciada era o batuque, batidas de tambores e demais primitivos instrumentos de percussão que acompanhavam as danças.

“Um bambolear sereno do corpo, acompanhado de um pequeno movimento dos pés, da cabeça e dos braços” (MACEDO apud ALMEIDA, 1974, p. 62).

O Jongo era uma dança apreciada pelos cativos em virtude do grande número de participantes, além de ser uma exibição de talentos individuais de cada um. O cantador, com um chocalho que ele mesmo agitava, embalado pelo som de três tambores, situava-se no meio de uma roda. Cantava um verso que era respondido pelo coro, enquanto sapateava freneticamente.

Quase ao final do coro o cantador passava a participar do círculo de pessoas que respondiam e um assistente ia para o centro da roda vazio. O novo cantador cantava os versos que poderiam ser repetidos ou não, dependendo de sua habilidade. Acontecia de, às vezes, um homem era provocado por uma mulher que dançava no centro da roda, travando-se entre os dois um duelo de dança e sapateado entre os dois.

Outra dança nascida nas senzalas da Bahia foi o Lundu. Era marcado pela introdução de palmas e pelo movimento do corpo de forma constante. Era também chamado de *umbigada*,

uma vez que era realizada aos pares e em determinados momentos os corpos dos participantes avançavam um em direção ao umbigo do outro. Veio para o Brasil diretamente de Angola e do Congo e era objeto de estimação entre os escravos. Com o passar o tempo foi introduzido na sociedade, chegando a ser perseguida e posteriormente proibida pelas autoridades que viam nela uma sensualidade e lascívia pouco coerentes com a época. Como música era dolente e sentimental, como coreografia era sensual.

Os participantes desta dança acham-se sentados à espera do início do folguedo. Uma mulher levanta-se e dirige-se para o centro do círculo, com meneios provocantes. Um homem teve a atenção despertada pelos seus requebros e segue seus movimentos. Os instintos entram em ebulição. E a volúpia apodera-se dos dançarinos em escala crescente. E dançam em volteios sensuais até que a mulher cai nos braços do homem e cobre o rosto com um lenço que traz, para ocultar a sua emoção. (MACEDO. 1974. p; 65)

Outra cultura trazida pelos escravos foi a capoeira, que mistura luta, dança, cultura popular e música. Desenvolvida no Brasil, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos, utilizando os pés, as mãos, a cabeça, os joelhos, cotovelos, e algumas vezes, golpes desferidos com bastões e facões. Uma característica que a diferencia das artes marciais é o fato de ser acompanhada por música. Seu desenvolvimento se deu durante a escravidão, certamente com finalidade de extravasar sentimentos e paralelamente perpetuar a cultura.

A capoeira foi, no início, praticada nas senzalas, à noite, ocasião em que os escravos ficavam com os braços acorrentados. Justifica-se assim o fato de a capoeira ser praticada com os pés. No entanto existe outra versão para a origem da capoeira. Era quando os negros, denominados *negros de ganho*, escravos ou libertos que vendiam alimentos pelas ruas viam as perspectivas de suas mercadorias serem roubadas. Para protegerem sua mercadoria movimentavam o corpo numa coreografia diferente e com o movimento brusco dos pés, afastavam os que os ameaçavam. Como sua mercadoria ficava em cestos chamados de capoeiras, os movimentos de defesa passaram a ter este nome.

Alguns historiadores escreveram que o Quilombo dos Palmares certa vez se defendeu dos invasores portugueses em busca de escravos amotinados, utilizando as habilidades de capoeiristas. Apesar de armas dos oponentes e de maior número, foram necessárias várias outras incursões ao local para derrotar a técnica de ginga, braços e pernas.

A cultura se perpetuou após a Lei Áurea e passou a ser não mais um esporte praticado por negros. Em 1932 a primeira academia de capoeira do Brasil foi fundada em Salvador, Bahia, por Mestre Bimba, apelido dado a Manoel dos Reis Machado, que desenvolveu uma técnica

diferente que dava mais elasticidade e acrescentou movimentos de artes marciais. Passou a ser um jogo matreiro, cheio de malícia no qual a violência cedeu seu lugar a ludibriarão.

Mattos explica:

A capoeira pode ser vista, da mesma forma que as irmandades religiosas e as reuniões em batuques, como um espaço construído por escravos e libertos, africanos e crioulos, para encontros e afirmação de apoio e de solidariedade entre os membros de um mesmo grupo. Esses grupos distintos de capoeira eram conhecidos por maltas. [...] (MATTOS. 2008, p.185)

Após dias e dias de trabalho penoso, normalmente aos domingos, dias santos e festas religiosas, escravos e libertos deslocavam-se de seus recantos e fazendas indo para povoados e cidades para se encontrar com seus companheiros africanos de várias origens e crioulos. Ali se divertiam e compartilhavam costumes e manifestações culturais.

Esses encontros eram quase sempre incentivados ou tolerados pelos proprietários, uma vez que se temia que a proibição poderia gerar um descontentamento que levaria a uma rebelião, fato que estava se tornando comum na época; “quem se diverte não conspira”, alegavam os mais compreensivos. As manifestações eram severamente vigiadas pelos membros da sociedade branca temendo que os excessos e o desconforto que lhe causava se transformassem numa perigosa revolta, uma vez que eram muitos negros em liberdade nas ruas.

O batuque era uma manifestação cultural marcada pela música e pela dança. Depois de alguns anos o batuque foi incorporado à prática da religião católica ao ser realizado em rituais e festas em homenagens aos santos. Para os africanos a música e a dança tinham uma ligação com o mundo religioso, sendo que através delas, se comunicavam com o mundo espiritual.

Houve uma época em que o batuque era controlado rigorosamente pelas autoridades, como já foi destacado anteriormente, uma vez que era uma ocasião oportuna para uma revolta. As autoridades eclesiásticas também, não viam com bons olhos a prática do batuque envolvendo a religião católica, condenando o que chamavam de costume bárbaro e imoral que, movido pelos instrumentos e ritmos, levavam as mulheres a movimentar freneticamente o corpo, em especial, as ancas.

Foram diversas manifestações culturais que marcaram a época dos escravos. Dependiam ainda das regiões. O bumba-meu-boi, o maracatu, o busca-pé, eram culturas que se sobressaíam mais no norte e nordeste. No sudeste era mais comum o lundu e batuque.



## 6.1 AS RELIGIÕES

À medida que o africano se integrou à vida do brasileiro tornou-se afro brasileiro e mais que isso, tornou-se um brasileiro. O termo afro-brasileiro é usado para indicar produtos das mestiçagens de ascendentes portugueses e africanos. Além dos traços físicos, nas danças, na música e na religiosidade é que encontramos a presença dos africanos no nosso sangue.

A religião tem presença marcante na cultura africana. As religiões foram transformadas, ritos e crenças de alguns povos se misturaram a outros. Houve uma disseminação dos calunzeiros que eram pessoas que reverenciavam espíritos com capacidade de proteger e de orientar aos que a eles recorriam. Os mais conhecidos e de comprovada força junto aos espíritos, eram procurados até por brancos, senhores de escravos. Todos que tinham já esgotado os recursos da medicina viam nos calunzeiros a última esperança para seus males.

Durante o século XIX foram substituídos por pais e mães-de-santo nos candomblés e das umbandas. As religiões afro-brasileiras cresceram sempre, não apenas levadas pelo aumento crescente da população, mas também pelo número de adeptos que crescia a cada dia. Nos ritos a presença africana é evidente quando se observa, nos terreiros de candomblé e umbanda, a postura dos corpos, os gestos, a dança em círculo, sempre sob o som nostálgico dos tambores. Aliás, estes são considerados sagrados e não podem ser tocados por qualquer um.

[...] Os ritmos acelerados que os tocadores tiram deles acompanham o transe dos médiuns, por meio dos quais as entidades do além se manifestam, freqüentemente assumindo posturas corporais e vozes diferentes. Cada ritmo permite a incorporação de uma entidade sobrenatural, que tem toque, cores, adereços, roupas, comida e gestos próprios. Cada terreiro tem seus orixás e espíritos, cada médium recebe determinadas entidades, em número limitado. SOUZA. 2008,p133)

Os africanos mulçumanos destinaram-se, em especial, à Bahia. Passaram a ser conhecidos por malês que quer dizer mulçumano. Estes valorizavam os amuletos, patuás e bolsas de mandingas. Os amuletos, desde a África, eram talismãs que protegiam os africanos de guerras e qualquer tipo de mal que poderia lhe acontecer. Havia ainda os curandeiros que praticavam o calundu. Esses tinham grande influência na comunidade, considerados líderes religiosos.

Possuíam conhecimento de “técnicas medicinais”. Estas nada mais eram do que ervas, frutos e produtos naturais encontrados facilmente nas regiões. Os curandeiros eram considerados feiticeiros ou bruxos, mas com grande força diante de doenças que eram consideradas incuráveis.

No entanto, não foram apenas as religiões de origem africana que ajudaram a construir identidades. Aos escravos foi ensinado o catolicismo, como obrigação dos senhores para compor novas comunidades negras com devoção a algum santo. Os principais santos de devoção das irmandades de negros eram Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito.

Além do culto aos santos, os escravos começaram a valorizar os irmãos mortos, as missas em favor de suas almas, e amparavam as famílias desconsoladas. Lentamente os negros se incorporaram ao mundo católico, passando a crer que eram possuidores de almas. No início a religião católica foi imposta aos escravos como religião oficial e obrigatória. Anos mais tarde com finalidade de atrair os negros livres para a religião católica, foram canonizados alguns santos negros e foram incorporadas manifestações culturais de origem africana aos rituais católicos.

Segundo Souza (2008, p.39)

“Outro sinal de que o catolicismo muitas vezes passou a fazer parte da intimidade e da vida cotidiana de africanos no Brasil são algumas imagens de santos católicos, esculpidas em madeiras e às vezes em osso.”

## **7 A VIDA, OS COSTUMES E A CULTURA PÓS- LIBERDADE**

Toda a história do Brasil que se conhece, com raras exceções, ainda não aprofundou na trajetória da raça negra em nosso país. A decantada abolição da escravatura não conseguiu livrar os negros da discriminação racial e suas conseqüências, tais como, a exclusão e a miséria. A discriminação de aspectos cruéis e efeitos inimagináveis emergiu após treze de maio. A opressão continuou durante várias décadas.

O abandono intelectual e econômico aos negros recém libertados foi um ponto crucial para o aparecimento das favelas, da subcultura, da pobreza trazendo a eles o desencanto com a

liberdade. As inquietações com relação às senzalas se perpetuaram no que se refere a favelas. Como traduz a frase contida no samba enredo da Mangueira de 1988: “Livre do açoite da senzala, preso na miséria da favela.” (Silva, 1988)

[...] As dificuldades da após-Abolição, com a grande massa de libertos sem ter o que fazer, entregues à própria sorte, não foram cogitadas no momento devido e tiveram como resultado a desorganização geral que se verificou depois, prejudicando fundamentalmente a vida nacional.(LUNA, 1968, p. 203)

A abolição foi decretada no Brasil sem que se preparasse para ela. As conseqüências foram inevitáveis. Os resultados decepcionaram os que lutavam para que ela se concretizasse. Mesmo os abolicionistas já não acreditavam no sucesso daquele ato. A Lei não previa nada que trouxesse aos escravos libertos, uma garantia que lhes garantisse algum direito adicional. Muitos negros continuaram na condição de escravos, não por deixar de entender a situação em que se encontravam, mas por falta de opção.

Conforme descrição de Luna (1968, p.207):

Da cidade foi o negro, realmente, escorraçado. Com a intensificação da imigração, os trabalhadores estrangeiros, que gozavam da preferência dos empregadores, passavam a se concentrar nos centros urbanos mais desenvolvidos. A região sul, pelas suas condições climáticas e melhores possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho, foi a que mais atraiu o imigrante europeu. As cidades de São Paulo, Curitiba, e Desterro (hoje Florianópolis) foram, aos poucos, transformando velhos hábitos e costumes pelo processo de europeização. À medida que isso acontecia, aumentavam as dificuldades para negros e mulatos no mercado de trabalho, atingindo também os demais.

Os grandes cafeicultores da época pós-abolição receavam que houvesse, por parte dos negros, algum tipo de reação levada pela recente liberdade e pela lembrança da violência que se constituía numa ferida ainda não cicatrizada. De acordo com os pensamentos da época, havia ainda uma forte tendência a se tomar medidas consideradas como a que chamavam de “branqueamento do povo”. Isso só seria possível com a exclusão dos negros da sociedade, considerando-os um obstáculo aos estágios avançados da sociedade.

Novamente percebe-se que a abolição não livrou totalmente os negros, pois se acreditava que o Brasil só atingiria o nível das nações desenvolvidas se eliminasse o lado africano do país. Restava, aos ex-escravos, poucas opções de sobrevivência. Deparava-se com o desemprego, a fome, as dificuldades e com uma rotina que havia melhorado sua vida, mas não como sonhavam.

O ex-escravo que trabalhava no campo muitas vezes preferiu permanecer nas áreas rurais, ocupando pequenos pedaços de terra, geralmente em

sistema de parceria nos quais cedia parte de sua produção ao dono da terra que cultivava. Mas ao longo do século XX, e principalmente a partir da década de 1930, a migração de negros e seus descendentes rumo às cidades cresceu cada vez mais. Eles geralmente desempenhavam as funções mais subalternas, uma vez que só alguns poucos afro-brasileiros conseguiam se educar, prosperar nos negócios e ascender socialmente. (SOUZA. 2008, p.125)

Depois das Leis e conseqüentemente da liberdade dos escravos ficaram as histórias desse tempo, que apesar do esforço dos historiadores, há os que digam que esta não foi contada com devida crueza. Hoje a maioria que passam pelas escolas tem a escravidão como um fato vago e em termos suavizados; o herói Zumbi, o senhor desalmado e insensível, a sinhazinha bondosa que freqüentava a senzala. A realidade foi outra, mais obscura, mais difícil de digerir. Observa-se que a impiedade, humilhação e o sangue derramado foram muito além do que contém os livros.

As dificuldades transmitidas pelos ex-escravos errantes pelas ruas, sedentos e esfomeados, também fazem parte de sua amarga trajetória. No entanto, a originalidade em tentar esquecer a história e suas partes degradantes, não é só de brasileiros. Os próprios africanos não gostam de se lembrar que venderam seu povo para ser escravizado.

Mas ficaram suas tradições, seus mitos, sua cultura, para mostrar aos brasileiros que também houve breves momentos de alegria, de afeto, de religiosidade, de lembrar a terra distante para qual jamais voltariam. Foi um ciclo da história que se completou. Ficou a cultura que os negros deixaram, não apenas aos seus descendentes afro, mas a todos que admitem que sua história tem que ser contada seja ela, amarga ou não.

## **8 OS DESCENDENTES AFRO E SUA CULTURA**

Em todo o país existem descendentes afro que vivem do cultivo da terra, em comunidades que relembram os quilombos. São os chamados quilombos contemporâneos. São pedaços da história que dificilmente são lembrados, mas demonstram o vigor cultural exibindo suas tradições e insistindo em não perder a sua herança cheia de valores de cultura. São muitos espalhadas pelo Brasil.

O conceito de quilombo contemporâneo não diz respeito apenas ao que se refere à modernidade da comunidade e seus costumes. É um sentimento enraizado, uma edificação que se pretende erguer de um entendimento realista de quilombo e

quilombada, ou seja, a interpretação fiel de sua identidade como descendente afro brasileiro.

Atualmente os quilombos são considerados territórios de resistência, não contra os invasores armados e dispostos a uma luta sangrenta, mas outro tipo de resistência aquela cultural para manter grupos étnicos e raciais vivos com força suficiente para perpetuar sua história.

Sem se ater a ritos religiosos, festas, danças e músicas observa-se a culinária brasileira, em especial na Bahia, onde o uso do azeite de dendê e o uso da pimenta leva os descendentes afro a acreditarem que seus ancestrais se esqueciam momentaneamente de seus dissabores.

Acarajé, vatapá, aluá, xinxim de galinha são alguns pratos que não são apenas nomes exóticos, mas velhos sabores que enriquecem a gastronomia. O inhame, o cará, a banana, também fazem parte de uma história que deixou um legado que não se abateu diante do tempo.

## 8.1 A MISTIÇAGEM

A mestiçagem foi um processo natural, dificilmente tolerada pela maioria das épocas passadas e pouco pacífica. Iniciou-se com a submissão das negras escravas diante de seus donos brancos que eram proprietários, não somente das terras, mas dos corpos das escravas que lhe interessavam.

Vendo dessa maneira tem-se conhecimento de que a mestiçagem não foi um fato programado e sim uma imposição do dono diante da mercadoria disponível. Procede-se assim a construção lenta do mestiço. Havia casos em que filhos mulatos, resultado do cruzamento do senhor com a escrava, eram alforriados, aprendiam algum ofício, mas não herdavam terras, pois elas estariam disponíveis apenas aos filhos legítimos e brancos.

[...] Assim, quando falamos em mestiçagem do povo brasileiro, estamos nos referindo basicamente às misturas entre africanos e os povos que eles encontraram aqui, principalmente portugueses e indígenas. Foi essa mestiçagem que, apesar de atormentar as elites brasileiras que tentaram diluídas com outras misturas, se impôs como consequência da importação de cerca de 5 milhões de africanos ao longo de mais de trezentos anos. (SOUZA. 2008, p. 129)

Assim que o brasileiro deixou a personalidade radical com relação aos negros, considerados ainda como uma raça inferior que perdeu sua finalidade no país, iniciou-se uma tímida valorização dos mulatos. Essa importância fez com que se aumentassem os relacionamentos entre brancos, negros e os próprios mulatos acentuando a mestiçagem. Houve também uma contribuição para que se perpetuasse a cultura afro-brasileira e embora os mestiços tivessem o devido reconhecimento, os preconceitos contra todos ainda perduraram por muitos anos.

## **9 OS PRECONCEITOS AOS AFRO-BRASILEIROS NOS DIAS DE HOJE**

Existe um questionamento frequente sobre o preconceito contra os negros no mundo. Em especial, no Brasil constata-se que, por ter sido seu trabalho a força motriz que impulsionou o progresso das classes dominantes séculos atrás, foi o que deu a eles esta situação de desigualdade diante dos brancos. As disparidades são evidentes no aspecto social e aliadas a esta desproporcionalidade convive-se com o preconceito.

Nas novelas e filmes ainda causa espanto uma atriz branca viver um papel em que mantém um relacionamento mais íntimo com um ator negro. Certa vez, Oda Gonçalves, esposa do ator Milton Gonçalves que é de descendência afro, disse, em tom de desabafo, que gostaria de ver seu marido não se limitar a papéis de escravos ou bandido, mas sim beijando alguma atriz loura das novela da oito. Os papéis desempenhados pelos negros nas novelas, na maioria das vezes são de bandidos ou de empregados em funções humildes.

O número de pessoas brancas bem sucedidas suplanta enormemente o número de pessoas negras. Não seria uma situação anormal se não fosse a mentalidade repleta de ironia de que as coisas feitas pelos negros são mal feitas, ou então quando se refere a um negro como pessoa de bom caráter, fala-se: “é um negro da alma branca.” numa declaração de que o negro para ser bom tem de ter, necessariamente, alguma coisa branca. São coisas ditas quase sempre sem maldade, mas que demonstram um preconceito enrustido em cada um.

[...] Em nosso país, apesar de todos se dizerem avessos ao racismo, não há quem não conheça cenas de discriminação ou não saiba uma boa piada sobre o tema. Ainda hoje o trabalho manual é considerado aviltante e a

hierarquia social reproduz uma divisão que data da época do cativo. Com naturalidade absorvemos a idéia de um elevador de serviço ou de lugares que se transformam em verdadeiros guetos raciais. É por isso que não basta condenar a história, ou encontrar heróis delimitados. Zumbi existe em cada um de nós. É passado e é presente. (MOURA. 1996. P.30)

É comum dizer-se que os próprios descendentes afro-brasileiros se discriminam entre si. É uma afirmação equivocada. Esta surgiu depois do conceito de branqueamento da população onde se apregoava que apenas as pessoas brancas seriam portadoras de uma inteligência apurada. Mesmo simbolicamente cogitou-se este branqueamento visando a eliminar o material genético que denunciava a presença de negros no Brasil. O racismo, o terrível preconceito racial, marcam profundamente um ser humano que se identifica com um país no qual os negros lutam pela sobrevivência.

## **10 O NEGRO NO BRASIL SÉCULOS DEPOIS**

Pergunta-se, muitas vezes, diante do espanto do interlocutor, se após 13 de maio de 1888 o negro deixou de ser um objeto. Vive-se num país onde o negro ficou com os índices mais baixos da sociedade. As cotas raciais são discutidas com o objetivo de atenuar o atraso social. Considera-se um bom começo, mas ainda hoje, apesar de ver fechados os olhos para a sua situação, o negro ocupa uma posição, na sociedade, de cidadão de segunda classe.

O desenvolvimento econômico não conseguiu dar melhores condições de vida aos afro-brasileiros. Os processos de industrialização aumentaram a desigualdade e a disparidade de renda entre os mais pobres e os mais ricos, entre brancos e negros. Quando são observados os ciclos de crescimento econômico em nosso país, sobressai o conceito de que sempre existiu uma massa de excluídos que não colhia os frutos da riqueza produzida.

É preciso contar sua história. Não apenas os relatos de sofrimento diante das chibatadas na clausura desumana das senzalas, mas a história de seus feitos, suas glórias, sua ascensão na sociedade. A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica, apesar de ser uma decisão política, repercute no campo da pedagogia e na formação dos professores. Além de assegurar as vagas de negros nas universidades, valoriza sua cultura e paralelamente procura reparar os prejuízos repetidos durante séculos no que se refere a identidade e direitos.

As instituições escolares são colocadas como responsáveis de se isolar da limitada concepção de que os africanos e seus descendentes contribuíram apenas para a formação da nação brasileira, para criar nos alunos a consciência de que não pode existir preconceito e que o negro pobre e mal vestido, da carteira do lado é nosso irmão, humano e sensível. É um trabalho que se faz também fora da escola, nos vários segmentos da sociedade já tão enraizada nos conceitos de racismo. Para que estas ações sejam devidamente conduzidas é preciso uma educação voltada para as bases da reflexão e do amor ao próximo.

## **11 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo objetivou identificar e ao mesmo tempo, dar conhecimento aos que tiverem acesso ao mesmo, da trajetória dos negros no Brasil. Tentou-se buscar o entendimento dos motivos que levaram o país a concretizar uma aventura tão desumana durante o período em que durou a escravidão.

Procurou-se retratar o percurso efetuado pelos negros desde sua captura até o momento atual onde convivem com a intolerância racial, passando pelos seus momentos de alegria diante de suas festas e tradições seculares. Buscou-se evidenciar o afro-brasileiro como artista, como artesão, como seguidor de sua cultura tão rica, tão poderosa e duradouro. Durante a elaboração deste trabalho houve uma integração irrestrita ao tema, buscando expor o caminho percorrido pelos negros durante os últimos séculos, assim como retratar a relevância e os méritos da cultura afro-brasileira.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARAUJO, Emanuel. **Viva Cultura, Viva o Povo Brasileiro**. Museu Nacional: São Paulo, 2007.

BORGES, Antonio José. **Compêndio de História do Brasil**.. Nacional: São Paulo, 1972.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História Cultural Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2005.

LUNA, Luiz. **O Negro na luta contra a escravidão**.. Leitura: Rio de Janeiro, 1968.

MACEDO, Sérgio D. T. **Crônica do Negro no Brasil**. Record: Rio de Janeiro, 1974.



MATTOS, Regiane A. **História e cultura afro-brasileira**. Contexto: São Paulo, 2007.

MOURA, Glória. **Navio Negreiro-Batuque no Quilombo**. CNNCT. São Paulo, 1996.

RESENDE, Maria Efigênia L. **História Fundamental do Brasil**. Álvares: Belo Horizonte, 1971.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. Ática: São Paulo: 2008.

TOLEDO, Roberto P. **À Sombra da Escravidão**. Veja. São Paulo. p. 52-64, mai.1996